

Da paleta de cartão

Armando Jorge Caseirão

Pintor, Professor Auxiliar
ajcaseirao@fa.utl.pt

A vontade de viajar, conhecer e descobrir novos mundos esteve desde sempre ligada ao nosso espírito português. Mesmo quando ele não tinha vontade, razões políticas, sociais ou de estudo, empurravam o português por uma ribanceira de Sagres ou para lá de Vilar-Formoso, dependendo da época.

Uma Universidade em movimento, pressupõe uma Faculdade sobre rodas, como veremos mais à frente.

Com a voz de luto de Linda de Suza, a composição Trans Europa Express, dos Kraftwerk, electrónicos de Dusseldorf, deverá ser a banda sonora acompanhante neste artigo. Assim aproveitamos a boleia para um breve levantamento de partidas e chegadas.

Na década de 60, Itália ou França eram lugares privilegiados para a prática artística, pois sempre assim tinha sido. Paris continuava a ser a capital das artes; no entanto, esse prestígio começava a ser abalado por um dinamismo crescente de Nova York.

Contudo, dada a proximidade geográfica, os artistas portugueses continuavam a preferir a já costumeira e familiar Paris, tendo sido no início do século XX que se iniciou um êxodo constante para essa cidade.

Bastantes artistas partiram naquela época, respondendo ao impulso parisiense: O pintor António Carneiro chega a França em 1897, Leal da Câmara, célebre caricaturista, vive em Paris de 1900 a 1916; Francisco Smith instala-se no bairro de Montparnasse em 1902, para em 1911 casar com Yvonne Mortier, uma jovem escultora de especial talento, ficando o casal a viver definitivamente em Paris, onde lhe cresceu reputação, tendo então simplificado o nome para Francis Smith.¹

Em 1905, encontramos em Paris dos artistas os pintores Manuel Jardim, Manuel Bentes e Eduardo Viana numa primeira visita pois este último, lá se instalará mais tarde, numa segunda estada entre 1926 e 1930. Amadeo Souza Cardozo chega à cidade-luz em 1906, alcançando depois uma posição cimeira na pintura portuguesa, com a participação em diversas exposições internacionais, uma das maiores descobertas de Portugal no Século XX. Emmerico Nunes estabelece-se em Paris, de 1906 a 1911, partindo depois para Munique, pois tinha família alemã. O escultor Francisco Franco fica em Paris de 1909 a 1912.

¹ Francis Smith deixou em Paris numerosos amigos que criaram um prémio que permite anualmente a um pintor francês deslocar-se a Portugal.

Os pintores Armando de Basto, Dórdio Gomes, Santa Rita e José Pacheco, então estudante de arquitectura, encontram-se na capital francesa, em 1910. Um ano mais tarde, Paris acolhe ainda o futuro director do Museu de Arte Contemporânea e crítico de arte, Diogo de Macedo. Seguidamente, há que mencionar António de Azevedo, Domingues Rebelo e o escultor Canto da Maya que, a partir de 1913, fixaram residência em Paris. Também a pintora de origem belga, mas residente em Portugal, Mily Possoz, passou por Paris.² António Dacosta lá chegou em 1947, entretanto deixou de pintar; Na década de 60, impulsionados pelas Bolsas Gulbenkian, pela fuga à política vigente e à guerra colonial, muitos foram os pintores que passaram e se fixaram em Paris, lá se encontrando com Maria Helena Vieira da Silva, que após casar com o Arpad Szenes viu recusado o pedido de nacionalidade Portuguesa.

A Paris, a eterna capital das luzes, sempre nos recebeu de braços abertos e foi, para os intelectuais nacionais, uma segunda casa, dada a sua proximidade geográfica e familiar, lá chegaram em 1958, René Bertholo e Lourdes Castro, assim como João Vieira que regressa em 62. José Escada chegou a Paris em 60, só regressando dez anos depois, em plena primavera Marcelista.

Ainda por Paris passaram Benjamin Marques que se dedicou mais ao teatro; Paulo Ferreira que foi director da Casa de Portugal; Júlio Pomar chega a Paris em 1963; José Bronze, Pedro Avelar, Nadir Afonso, António Sena, António Costa Pinheiro, Henrique Ruivo, António Ferraz, António Paisana, Cândido Costa Pinto e Fernando Lemos.

Outros optaram por outras cidades: Paula Rego, Bartolomeu Cid e António Sena que se enrolaram no nevoeiro de Londres. Enquanto Henrique Ruivo se perdia por Roma e Costa Pinheiro por Munique, Fernando Lemos optou pela cidade de S. Paulo e Artur Varela por Amsterdam.

Costa Camelo que se deslocou à Bélgica para ver de perto as pinturas de Permeke; Vasco Costa que se naturalizou americano, tendo voltado como soldado à Europa e fixado nos arredores de Paris;

Proliferas nos idos 60, seriam as bolsas da Gulbenkian o início de uma espécie de programa Erasmus?

Mesmo numa fase de aprendizagem, a circulação do saber e do conhecimento, é de extrema importância, para uma Europa unida na diversidade.

Surge-nos então uma ideia simples: Um comboio-escola: A verdadeira faculdade sobre rodas. Um erasmus errante, em constante movimento, consistindo numa ou mais, carruagem-aula, wagon-lits, carruagem-restaurant, telemoveis, internet sem fios, e o acesso directo às cidades reais, à arquitectura, aos museus, ao design, à moda...

Aulas, férias, erasmus e inter-rail.

² Como contraponto, a passagem, em Portugal, de artistas estrangeiros deve-se sobretudo ao clima ou ao refúgio das guerras. No caso mais relevante, o casal Robert e Sonia Delaunay, procuraram um melhor clima, apesar de também fugirem da primeira grande guerra.